

Tinha acompanhado a minha mãe ao médico; e estávamos a voltar para casa pelo caminho que ladeia a mata do general Sartorio e, a seguir, o muro coberto de musgo da Villa Bottiglia.

Era Outubro, começava a estar frio; na aldeia atrás de nós tinham-se acendido os primeiros candeeiros, e a lâmpada azul do Albergue Concordia iluminava com uma luz vítrea a praça deserta.

A minha mãe disse: — Sinto uma espécie de nódulo na garganta. Quando engulo, dói-me.

Disse: — General, boa tarde.

O general Sartorio tinha passado junto de nós, com o chapéu posto na cabeça prateada e resoluta, o monóculo no olho e o cão pela trela. A minha mãe disse: — Que bela cabeleira ainda tem nesta idade!

Disse: — Viste que feio se pôs o cão?

— Agora sinto na garganta como que um sabor a vinagre. E aquele nódulo, sempre, que me dói.

— Como é que me encontrou a tensão alta? Baixa é como a tenho sempre.

Disse: — Gigi, boa tarde.

Passara o filho do general Sartorio, com o *montgomery* branco pelas costas; num dos braços levava uma saladeira coberta com uma toalhinha e tinha o outro braço engessado e dobrado para fora.

— Deu uma queda muito feia, mesmo. Talvez nunca consiga recuperar o uso total do braço — disse a minha mãe.

Disse: — Quem sabe que coisa levará naquela saladeira?

— Vê-se que é uma festa — disse em seguida. — Em casa dos Terenzi, provavelmente. Quem vai deve levar qualquer coisa. Agora faz-se muito assim.

Disse: — Mas a ti, nunca te convidam?

— Não te convidam — disse — porque acham que te dás ares. Nem sequer tens ido ao Círculo do Ténis. Se uma pessoa não se mostrar por aí, dizem que se dá ares e já ninguém a procura. Às miúdas Bottiglia, a essas, todos as convidam. Na outra noite houve baile em casa dos Terenzi, até às três. Veio gente de fora e até um chinês.

As miúdas Bottiglia, chamamos-lhes miúdas na nossa casa, embora a mais nova já tivesse agora vinte e nove anos.

Disse: — Não terei por acaso aterosclerose?

Disse: — Será de confiar neste novo médico? O velho era velho, compreende-se, já não se interessava. Se lhe dissesse que sofria de qualquer coisa, ele dizia logo que sofria da mesma coisa. Este escreve tudo, viste como escreve tudo? Viste como a mulher é feia?

Disse: — Mas será possível que de ti não se possa ter de vez em quando o milagre de uma palavra?

— Que mulher? — disse eu.

— A mulher do médico.

— Aquela que veio abrir — disse eu — não era a mulher. Era a enfermeira. A filha do alfaiate de Castello. Não a reconheste?

— A filha do alfaiate de Castello? Que feia é!

— E então porque não tinha a bata? — disse. — É mas é a empregada, ora bem, não era enfermeira.

— Não tinha a bata — disse eu — porque a tinha tirado, porque estava para ir embora. O médico não tem empregada nem mulher. É solteiro e come na Concórdia.

— Solteiro, é?

Imediatamente a minha mãe, no seu pensamento, casou-me com o médico.

— Quem sabe se se sentirá melhor aqui ou em Cignano, onde estava antes. Melhor em Cignano, provavelmente. Mais gente, mais vida. Devemos convidá-lo para almoçar um dia destes. Com o Gigi Sartorio.

— Em Cignano — disse eu — tem a noiva. Casam na Primavera.

— Quem?

— O médico.

— Tão jovem, já noivo?

Caminhávamos pela álea do nosso jardim, atapetada de folhas; e via-se a janela iluminada da cozinha e a nossa empregada Antonia, que estava a bater ovos.

A minha mãe disse: — Agora aquele nó na garganta está completamente seco e não vai para cima nem para baixo.

A suspirar, sentou-se na entrada e pôs-se a bater as galochas uma de encontro à outra para sacudir a lama; e o meu pai saiu pela porta do escritório com o cachimbo e o seu casaco de trazer por casa de lã dos Pireneus.

— Estou com a tensão alta — disse a minha mãe com um pouco de orgulho.

— Alta? — disse a tia Ottavia, do cimo das escadas, apertando na cabeça as duas pequenas tranças negras, lanosas como as de uma boneca.

— Alta. Não baixa. Alta.

A tia Ottavia tinha uma bochecha rosada e a outra pálida, como sempre que adormecia na poltrona perto da lareira, com um livro da biblioteca “Selecta”.

— Da Villa Bottiglia — disse Antonia, da porta da cozinha — mandaram pedir farinha. Temos pouca e quero fazer as filhoses. Dei-lhes uma boa tigela.

— Outra vez? Mas falta-lhes sempre a farinha. Ao menos podiam não fazer filhoses. À noite são pesadas.

— Não são assim tão pesadas — disse a tia Ottavia.

— São pesadas.

A minha mãe tirou o chapéu, o sobretudo e um forro de pêlo de gato que usa sempre debaixo do sobretudo, depois o xaile que aperta ao peito com um alfinete de dama.

— Mas talvez — disse — tenham feito as filhoses para a festa que deve ser em casa dos Terenzi. Também vimos o Gigi Sartorio com uma saladeira. Quem é que veio pedir a farinha? A Carola? Não te disse nada de uma festa?

— A mim não disse nada — disse a Antonia.

Subi para o meu quarto. O meu quarto fica no último andar e tem vista para os campos. Distinguem-se ao longe, à noite, as luzes de Castello e as poucas luzes de Castel Piccolo, no cimo, numa bossa da colina; e para lá da colina fica a cidade.

O meu quarto tem uma cama de alcova, com as cortinas de tule; uma poltronazinha baixa de veludo de cor cinzento-rato; uma cómoda com espelho e uma escrivaninha de madeira de cerejeira. Também tem um fogão de majólica, castanho e alguma lenha num cesto; e uma estante giratória que tem em cima um lobo de gesso feito pelo filho do nosso caseiro, que está no manicómio; e pendurada na parede uma reprodução da Nossa Senhora da Seggiola, uma vista de São Marcos e uma saca para as meias, grande, de renda com nozinhos de amor azul-celeste, prenda da senhora Bottiglia.

Tenho vinte e sete anos.

Tenho uma irmã um pouco mais velha do que eu, casada em Joanesburgo; e a minha mãe lê sempre os jornais para ver se dizem alguma coisa da África do Sul, sempre inquieta com o que acontece por lá. De noite acorda e diz ao meu pai:

— Mas lá onde está a Teresita, não se vêem os Mau Mau?

Tenho um irmão, um pouco mais novo do que eu, que trabalha na Venezuela; e em casa estão ainda, no armário da roupa, as suas máscaras de esgrima e de mergulho e as suas luvas de boxe, porque era desde pequeno um desportista; e, quando al-

guém abre de rompante o armário, as luvas de boxe caem-lhe na cabeça.

A minha mãe queixa-se sempre de ter os filhos longe; e muitas vezes vai chorar para junto da amiga, a senhora Ninetta Bottiglia.

Contudo, estas são lágrimas que lhe agradam um pouco chorar: porque são lágrimas que a lisonjeiam um tanto, lágrimas às quais se mistura o orgulho de ter lançado o seu pólen para lugares tão remotos e perigosos. Mas a aflição mais pungente para a minha mãe é eu não me ter casado; e é uma aflição que a avilta e só encontra um bálsamo no facto de as miúdas Bottiglia, com trinta anos, ainda não serem casadas.

Durante muito tempo, a minha mãe acalentou o sonho de eu me casar com o filho do general Sartorio, sonho que se esfumou quando lhe disseram que o filho do general Sartorio é morfinómano e não se interessa por mulheres.

Contudo, de vez em quando, volta a pensar naquilo; acorda de noite e diz ao meu pai:

— Vai ser preciso convidar o filho do general Sartorio para almoçar.

E diz: — Mas tu acreditas que ele seja um pervertido, esse rapaz?

O meu pai diz: — E que sei eu?

— Dizem isso de tantos, e até disseram tal coisa do nosso Giampiero.

— Provável — disse o meu pai.

— Provável? Como provável? Achas que alguém disse isso?

— E que sei eu?

— E quem é que pode ter dito tal coisa do meu Giampiero?

Vivemos nesta terra há muitos anos. O meu pai é o notário da fábrica. O advogado Bottiglia é o administrador da fábrica. Toda a povoação vive em função da fábrica.

A fábrica produz tecidos.